

Museu tira da poeira o pioneirismo de Brasília

No dia de sua inauguração, o Museu Vivo da Memória Candanga pôde comprovar sua imagem de patrimônio latente, dinâmico e mutável, através da presença de muitos pioneiros, protagonistas da história recontada pela exposição "Poeira, Lona e Concreto", montada pela equipe do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico (DePHA). Na verdade, a entrada no interior do museu constitui um mergulho na história, onde os personagens, embora envelhecidos pelo tempo, podiam ser vistos, tocados e ouvidos.

"Eu fiz a barba de Juscelino muitas vezes", conta orgulhoso Joaquim José de Oliveira, o primeiro barbeiro de Brasília, que veio para a construção em maio de 1957. Joaquim se disse muito emocionado com a exposição. "Eu vivi tudo no original". Sentado em sua antiga cadeira de barbeiro, ele comenta que até hoje vem forte em sua memória o slogan da Rádio Nacional: "Enquanto você dorme, Brasília cresce".

Entre os objetos que pertenciam ao antigo Hospital Juscelino Kubitscheck de Oliveira (HJKO), Edson Porto, o primeiro médico de Brasília e primeiro diretor do HJKO, recorda histórias de uma época onde tudo era feito com muita raça, fé e ânimo. "O primeiro sanitarista de Brasília", conta rindo, "foi o cozinheiro do acampamento, que curou um surto de diarréia após me pedir informações sobre que medicamento curava este tipo de doença. Quando eu fui a Luziânia repor o estoque

de enteroviosiforme, o farmacêutico me avisou que um cidadão de Brasília havia comprado todo o suprimento. Mais tarde vim a descobrir que o cozinheiro estava usando o medicamento no feijão", conclui Edson.

Mais, de um mil 800 partos. Esta é a bagagem histórica que dona Filomena Leporone Mazzolla carrega sobre os ombros. Filomena hoje é presidente de uma creche no Núcleo Bandeirante, construída por embaixatrices de vários países, e recorda, com a voz por um fio, que em 1957, quando chegou em Brasília, até a água para os partos era conseguida em poços, com muito sacrifício. "Muitas vezes, com a chegada cada vez maior das pessoas, eu mal parava em casa, tal era o número de crianças que nasciam nesta terra", relata.

O primeiro pioneiro de Brasília, o médico Ernesto Silva, que veio em 1955 com a comissão de localização da nova capital escolher o local onde seria construída Brasília, elogiou a exposição, afirmando que retratava bem uma época única na História do Brasil. "Nunca se trabalhou tanto, com tanto amor, fé e sacrifício do nosso País", explica Ernesto Silva. O médico, que também foi um dos diretores da Novacap, coloca que, naquele tempo, a que remonta a exposição, a vida era bem melhor, sem miséria e desemprego.

"Brasília era a cidade mais fácil de ser governada, por ser toda planejada. Se não fizeram foi porque não quiseram", diz Ernesto.